

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.

Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avuisa 5 rs. — Annuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

TERÇA FEIRA 12 DE SETEMBRO

BRAGA 11 DE SETEMBRO

O SR. MARQUEZ D'AVILA JULGADO POR SUA PROPRIA BOCCA.

O genio do erro e da mentira, se alça a voz, fertil em quimeras e absurdos, em defesa d'um systema, d'uma instituição ou d'um principio, é para o destruir pelos fundamentos.

Ahi está o sr. marquez d'Avila que, n'uma das ultimas sessões da camara dos deputados, fazendo *modestamente* o elogio de si mesmo, disse que sempre tem sido *amante da liberdade*; que as eleições, (*brilhante manifestação d'um povo livre!*) tem sido, quando elle ministro, a expressão da vontade nacional, adduzindo para exemplo o que acontecera com elle em 1840, nas eleições da camara municipal do Porto, onde então era governador civil.

Pois que, o sr. Avila, esqueceu-se d'aquelle celebre projecto de lei de 1 de Fevereiro de 1850, ácerca da liberdade da imprensa, assignado por s. ex.ª na qualidade do ministro d'essa epocha?

Examinemos esse mesmo projecto de lei e confrontemol-o depois com o tal *amor* que o sr. Avila tem pela liberdade.

N'esse projecto de lei sobre a liberdade de imprensa eram castigadas as proprias *ironias* e *allusões*. Havia penas aos jornalistas de um a tres annos de cadeia, e 1:000\$000 rs. a 3:000\$000 rs. de multa!

Para se poder publicar um jornal em Lisboa e Porto era necessario depositar a quantia de 12:000\$000 em titulos de divida publica, ou 4:000\$000 rs. em dinheiro effectivo; e nas mais terras do reino era mister depositar 9:000\$000 rs. em titulos, ou 3:000\$000 rs. em dinheiro effectivo.

E assim por diante: de maneira que o projecto era moldado todo n'esta *suavissima draconiana*.

A magna camada dos deputados, que apesar de ser cabralista, na sua quasi totalidade, fez-lhe grandissimas modificações.

Na camara dos pares foi tambem modificado, e, não obstante, ficou a lei durissima. O paiz alcançou-a logo de *lei das rolhas*.

Que bello documento de *amor* á liberdade?!

Á vista d'isto podemos affirmar ou que, o sr. Avila falla na liberdade para justificar todos os seus actos, como livremente exercidos e executados, e n'esse caso é ainda o genio da mentira que falla porque os factos, passados n'estas ultimas eleições, prova que s. ex.ª não é amigo da liberdade, excepto se fôr da libereade individual e só d'elle e não da liberdade nacional e de todos.

D'este modo o sr. Avila lavrou por si mesmo a sentença que todos os homens de bom senso lhe tem lavrado já ha muito.

E' o *ex ore tuo judico* em toda a sua extensão e plenitude.

Gregos e Troyanos reconhecem a necessidade absoluta de aniquilar o governo do Regulo de Bugajoz e Companhia; porém nem uns, nem outros teem a coragem precisa para prescindir dos seus caprichos partidarios em beneficio da causa commum.

A impaciencia de todos em succeder no governo prejudica o fim a que se dirigem. Continuem com o desgraçado systema, que teem seguido e verão que o caminho, que seguem, é de tal modo difficile tortuoso que cada vez mais os afastará do poder.

As ultimas votações do parlamento significam exuberantemente o que deixamos dito. Os dois grupos mais fortes da camara, disputando entre si o poder teem sustentado uma situação, que não poderia viver oito dias com o parlamento aberto.

Todos conhecem isto mesmo e comtudo não podendo acceitar a ideia do afastamento do poder prejudicam uma questão, que muito importa ao paiz.

O governo conscio do alvo a que a opposição se dirige promete a todos o que não dará a nenhum senão quando lhe não seja possivel governar, e quando nos tiver arruinado completamente. O governo desde que subiu ao poder nada tem feito. Os projectos de fazenda, que apresentou estavam por tal fórma confectionados que foram retirados e esquecidos para nunca mais verem a luz.

Assim o governo tem vivido fallando sempre na questão de fazenda sem d'ella tractar, nem dotar o paiz com reforma alguma. Este governo tem sido a ausencia de toda a ideia governativa e comtudo tem vivido e viverá por obra e graça da opposição.

Até aqui os governos sustentavam-se quando as suas medidas lhe traziam amigos que as apoiavam; agora os governos vivem contra a opinião da camara e do paiz sem nada terem feito que os auctorise a governar.

A opposição tem uma grande responsabilidade no apoio dado a tão nefasta situação e o paiz um dia lhe pedirá contas estrictas d'isso.

Não é possível por tal systema crear sectarios d'esta ou d'aquella ideia, porque em resumo, a opposição tem dado provas evidentes de que a unica ideia que tem é escalar o poder com a exclusão dos seus antagonistas; e o governo de querer conservar-se a todo o risco, compromettendo a propria dignidade a as instituições.

Não se tracta, pois, de sustentar o governo porque tenha merecido o apoio do parlamento; mas sim porque cada um dos partidos que julga proxima a sua ascensão ao poder procura impedir ao seu antagonista a realisação do mesmo pensamento.

Assim cada um dos partidos apoia ou guerreia a situação conforme vê que se aproxima ou afasta do poder. Esta desgraçada e ambiciosa politica tem feito viver um governo, como o paiz até hoje ainda não teve, e que será impossivel encontrar peor.

No entretanto continuará a governar, e a enganar a todos com falazes promessas, se os diversos grupos senão resolverem a olhar só para o seu paiz e não para as suas ambições.

Lembrem-se que não é só ao governo a quem cabe a responsabilidade da sua inepecia; porque a opposição tem rigoroso dever de annullar todo o governo que julgar incapaz de governar. Siga a opposição o seu systema que um dia o povo lhe pedirá estricatas contas da sua desmedida ambição.

E' impossivel fazer dos nossos politicos cousa de geito; porque o que torto nasce tarde ou nunca se endireita.

Tudo está corrompido nesta nossa boa terra portugueza, até a propria terra, que pruduz pouco, e isso mesmo enfezado e mau. Porém isto nenhum espanto causa no estrangeiro, onde já se diz, que a terra portugueza cansada de produzir politicos não póde produzir outra cousa.

E é isto verdade, infelizmente para o paiz; porque os politicos são tantos, quantos os ambiciosos, e estes tantos, quantos os gafanhotos, que devastaram o Egypto, quando a ira do Senhor castigou os enganos, que Pharaó fez a Moisés. Nós cremos tambem, que Portugal ha-de ser completamente devastado com esta nova especie de gafanhotos—os politicos—; e a razão é, porque a todos falta o patriotismo dote preciso e essencial, que fez dos nossos passados heroes legendarios.

Mas... hoje a patria e a... barriga, e por isso não é d'espantar, que todos trabalhem para a tornar feliz.

Esta ainda ha de ter, e talvez em nossos dias, as honras d'um culto especial, e principalmente, se, (como se espera), se proclamar a liberdade dos cultos.

Sobre este assumpto lembra-nos dizer aos amaveis leitores, que sentimos immenso, que nenhum representante do povo se atrevesse a parolar no parlamento.

Estamos convencidos, que ficava immortalizado aquelle, que tal fizesse, e principalmente se elaborasse um projecto de lei no sentido, que se segue:— Propunho, que se mandem fabricar umas grandes barrigas para serem collocadas em todos os altares afim de substituir a cruz do Christo, que deve ser eliminada dos templos como retrograda, reacionaria e anti-politica, e que todos os fieis sejam obrigados sob graves penas a prestar-lhe culto e adoração reverente.

Estamos certos, que todos os demais deputados, salvas poucas excepções, haviam de impugnar, mas só por inveja da ideia, um tal projecto; porque divinava, (horror!) o occulto depositario das excrecencias estomachicas.

A nós parece-nos, que era mais justo e racional prestar culto e adoração a uma parte do corpo, que pertence a ambos os sexos, do que adorar uma prostituta, como fizeram os parisienses durante a revolução de 93, ao menos isto não era tão ridiculo, nem tão vil aos olhos dos philosophos, cuja critica mordaz terrivel e mortificante, quando não é meritifera, e Portugal, (estamos disso convencidissimos), havia de ser proclamada, em razão de tal feito, a nação mais civilisada do mundo, e occupar entre ellas, apesar de pequena, o primeiro lugar.

Oxalá, que o illustre deputado por este circulo, em vez de andar tão esbafurido, diligente e cuidadoso a trabalhar na reorganisação das ordens religiosas, e no sempre (por elle só) pretendido fim da admissibilidade (permitam-nos a innovação) das irmãs da caridade, se occupasse, mas não com tanta diligencia e cuidado, (para não adoecer, o que deveras sentiríamos), deste projecto, que nos sugeriu uma das muitas conferencias, que temos por costume, com o nosso travesseiro.

Era logo proclamado pelo povo—salvador da patria— e tinha de certo uma recompensa igual, com isto só, á do fundador da republica Romana—L. J. Bruto—.

Mas... que dissemos nós?... Pois podia accaso incumbir-se de tal projecto tão estrenuo defensor das crenças sacrosantas da Cruz?... Não de certo; porque ao devotado e desinteressado apolo-gista dos frades, freiras e quejandos causava isto um terrivel, molesto e gravissimo desdouro.

Não conhece de certo o Summo Pontifice do affecto real e sincero, que o illustre deputado sente pelas ordens religiosas, nem do trabalho e gravissimas questões, que elle tem tido com o governo para serem readimitidas em Portugal as supraditas congregações. senão já tenha sido rogado e instado para advogar a causa sagrada da Egreja não só perante o nosso governo, mas tambem perante todos os governos das cinco partes do globo conhecidas..

Pois é pena, porque em tão justa e santa causa é, que o illustre deputado podia ostentar admiravel e brilhantemente a sua inexcidivel eloquencia e inimitavel estylo oratorio.

Sentimos isto deveras, porque os seus discursos sobre tão importante assumpto haviam de ser a gloria da patria e tornal-o maior, que Demosthenes.

VARIÉDADES.

Meu A. . .

Não sei que juizo deva formar a teu respeito. Esperava ancioso que respondesses á minha carta, que manifestam ao teu amigo a tua opinião sobre as nossas finanças por exemplo, e nada de novo; ficaste mudo e quedo como o Adamastor de Camões.

Pois d'antes, n'outro tempo, não eras assim. Que agente poderoso concorreria para a tua metamorphose?

Os banhos do mar?

Quem sabe! . . . A's vezes dous olhinhos pretos fazem cousas diabolicas.

Vê lá se te deixas fascinar meu creançaola?

Gostas de mulheres?

Admira então o typo que vou descrever-te.

Precisava chamar em meu auxilio a numerosa phalange dos poetas e pinteres, que já não pertencem ao rol dos vivos, para me protegerem em tão difficil tarefa, mas não quero agora incommodar os mortos.

Cavalga, pois, a luneta no teu nariz, e lê com minuciosa attenção a descripção de tão peregrina formosura.

Entre parenthesis: tu não te importas que eu comece pelos pés ou pela cabeça, pois não? Começarei então pelos pés.

O pé é . . . acomoda-se perfeitamente n'uma pequena mão . . . é o que se chama um pé chinês.

Os seios, que recendem perfumes puramente orientaes, os seios, repito, são d'uma perfeição, de uma tumidez, capaz de enlouquecer as mais serias e phylosophicas cabeças.

As mãos pequeninas e brancas como os dentes dos elephantes, são d'uma elegancia aristocratica tal, que todos, perdidos d'amor, seriam capazes de beijar sem ficarem com vontade de tirarem os labios de tão humilde postura.

A bocca — sabes pouco mais ou menos como será: um cofresinho repleto d'iman.

E os olhos? Oh! Ticiano, oh! Raphael, emprestai-me as vossas tintas.

Os olhos, abysmo profundo de alterações ainda mais profundas, os olhos, repito, imagina-os se podes, porque a minha penna não se atreve a descrever-t'os.

E o cabello? Que lindos caracoes não forma quando lhe caie nos hombros alabastrinos! . . .

Quantos scepticos, quantos *caturras* se não desejariam prender a um d'aquelles *naturalissimos*

caracoes?! O' Veneza, patria mysteriosa das gaudolas, ó Grecia, formoso herço do divino Homero, (figurão que não tenho a honra de conhecer) ó Circassia, terra das mulheres bellas e formosas, quando sonhasteis vós um typo igual?

Feliz o mortal que poder beijar-te a fimbria do vestido, donairoza e gentil rainha da formosura!

Por cada beijo teu (caso raro) sentiria na algibeira um *peso* enorme!

Se foras virgem, eu seria tambem o teu Romeu.

Pois não é virgem? exclamarás tu espantado.

Não é virgem, meu amigo, não.

Prostituiu-se, ou antes, prostituiram-n'a quando começava a desabrochar. Macularam-na quando um Byrón moderno lhe prognosticava a immortalidade em estrophes de fogo! Deshonraram-n'a, quando o primeiro raio da aurora lhe illuminou, pela vez primeira, o flaccido corpo!

Queres saber o seu nome?

Chama-se *D. Politica*.

Que dizes ao meu retrato?

Agrada-te? Sentes-te apaixonado?

Pois meu amigo, quando a vires agarra-te com desespero a um dos caracoes do seu cabello, e diz-lhe: quero dinheiro formosa dama, quero engordar estes ossos que estão magros como uns certos ossos de que fallou o Camillo, quero respirar os teus perfumes. . .

Enojate tanta humilhação?

Tem paciência, meu caro, faz-te *D. Juan* e deixa préggar os *tolos*.

Se algum dia, depois de seguirees os meus concelhos, subires ás *altas* regiões, lembra-te do amigo que escreveu estas linhas.

Por hoje ficá por aqui o teu amigo.

* * *

NOTICIARIO

Choremos. — Morreu o ministerio á mingoa d'apoio. Sentimos um tão triste e lamentavel successo; mas . . . era inevitavel *infelizmente* para o paiz, por que lhe faltava o melhor de tudo = vergonha, prohibidade e honra.

Emfim . . . morreu! . . . a terra lhe seja leve para o não encommodar.

Quem lhe succederá? . . Não o sabemos; mas é de crer, que seja um governo *justo, probó, de ente e economico*, que dê *remedio* prompto e efficaç ás graves e fataes molestias do pobre Portugal.

Esperamos isto confiados no reconhecido interesse, que o Chefe do Estado dispensa cuidadoso ao paiz.

Festividade. — Hontem teve logar na Egreja do Salvador uma festividade em honra de Santa Filomena, á qual concurreu grande numero de pessoas, e principalmente de tarde, que houve um sermão excellentemente, cujas ideias claras e justas condisseram em

tudo com o assumpto pela linguagem florida, poetica e correcta e pelas comparações sublimes, em que abundou. O assumpto versou sobre a excellente virtude da castidade, e foi desenvolvido com mestria e proficiencia pelo orador, que mostrou muito estudo e intelligencia pouco vulgar.

A musica era boa e executou perfeitamente o *Te-Deum*, as vozes porém, com pezar bastante o dizemos, eram fracas, apesar de afinadas.

Theionoxyphero.— O inventor d'este aparelho, destinado a sulphurar os vinhos e vasilhas, o sr. Antonio Batalha Reis, inaugurou no dia 7 do corrente, no Porto, as suas conferencias sobre a applicação do seu instrumento.

O illustre prelector orou por espaço de duas horas, acompanhando a sua explicação de diversas e curiosas experiencias.

O auditorio era numerosissimo e escolhido.

Encarregado pelo governo, percorrerá o sr. Batalha Reis as provincias do Minho e Douro achando-se actualmente (10) na Regoa. Irá a Guimarães e tenciona fazer a sua prelecção em Braga no dia 13 do corrente no edificio do Lyceu Nacional.

O bom acolhimento que o illustre prelector teve no Porto assegura-lhe outro igual n'esta cidade.

Bulhas dos cães.— No fundo da rua de S. João, defronte da Senhora do Leite, pegaram-se dous cães á bulha, e de tal sorte, que rasgaram uma batinha d'um sacerdote, que n'essa occasião por alli passava. Este dá-se por muito feliz em aquelles dous animaes lhe pouparem o phisico. Sobre isto pedimos providencias á exm.^a camara; porque em nosso fraco entender, os cidadãos não podem, nem devem, estar sujeitos a successos, que mui facilmente se podem evitar.

Um republicano como todos.— Consta-nos que um exaltado republicano de Braga fof agraciado com um bonito. Admiramos o desejo que o tal republicano tinha do enfeite; porém como o collega já estava enfeitado justo era que se verificasse uma das maximas pelos dons professados. Democratas na lingua e aristocratas nas obras e aspirações!!!

AGRADECIMENTO.

João Ramos Barros Pereira e seu filho Sebastião Ramos Barros Pereira, em extremo penhorados para com todas as pessas da sua amizade que os visitaram e assistiram ao enterro e officio de seu presadissimo filho e irmão Francisco Ramos Barros Pereira, que teve logar no dia 6 do corrente; a todos protestam a sua eterna gratidão. (12)

ANNUNCIOS

Vende-se uma armação na loja de peso, no campo de Santa Anna n.º 70. (9)

Nos dias 6, 7 e 8 de Novembro do corrente anno, serão vendidos em leilão, na Bibliotheca Publica de Braga 1:970 vol. in-fol. cujo catalogo impresso póde ser examinado nas principaes livrarias d'esta cidade, e nas de Lisboa, Porto e Coimbra.

Braga 7 de Setembro de 1871.

O bibliothecario

Gonçolo Antão de Macedo Sá e Abreu.

(13)

COSINHEIRO

No café Vianna, precisa-se d'um, que se encarregue do serviço da cosinha, do mesmo café. (7)

VENDA DE CASA

Vende-se uma morada de casas, sita no campo de Santa Anna, com quintal e pogo, tendo os numeros 16, 16 A e 16 B.

Quem a pretender dirija-se á rua de S. Bernabé n.º 8, pois que ahí se dirá com quem se póde tractar. (10)

CAFÉ VIANNA

O proprietario d'este estabelecimento, pede a todos os seus amigos e freguezes, que queiram continuar a honral-o com a frequencia no seu estabelecimento, o especial obsequio de serem servidos na sala do Bilar, ou de tarde, no *Chalet*: isto desde o dia 1.º d'agosto até se concluir as obras do salão do mesmo Cafe. (2)